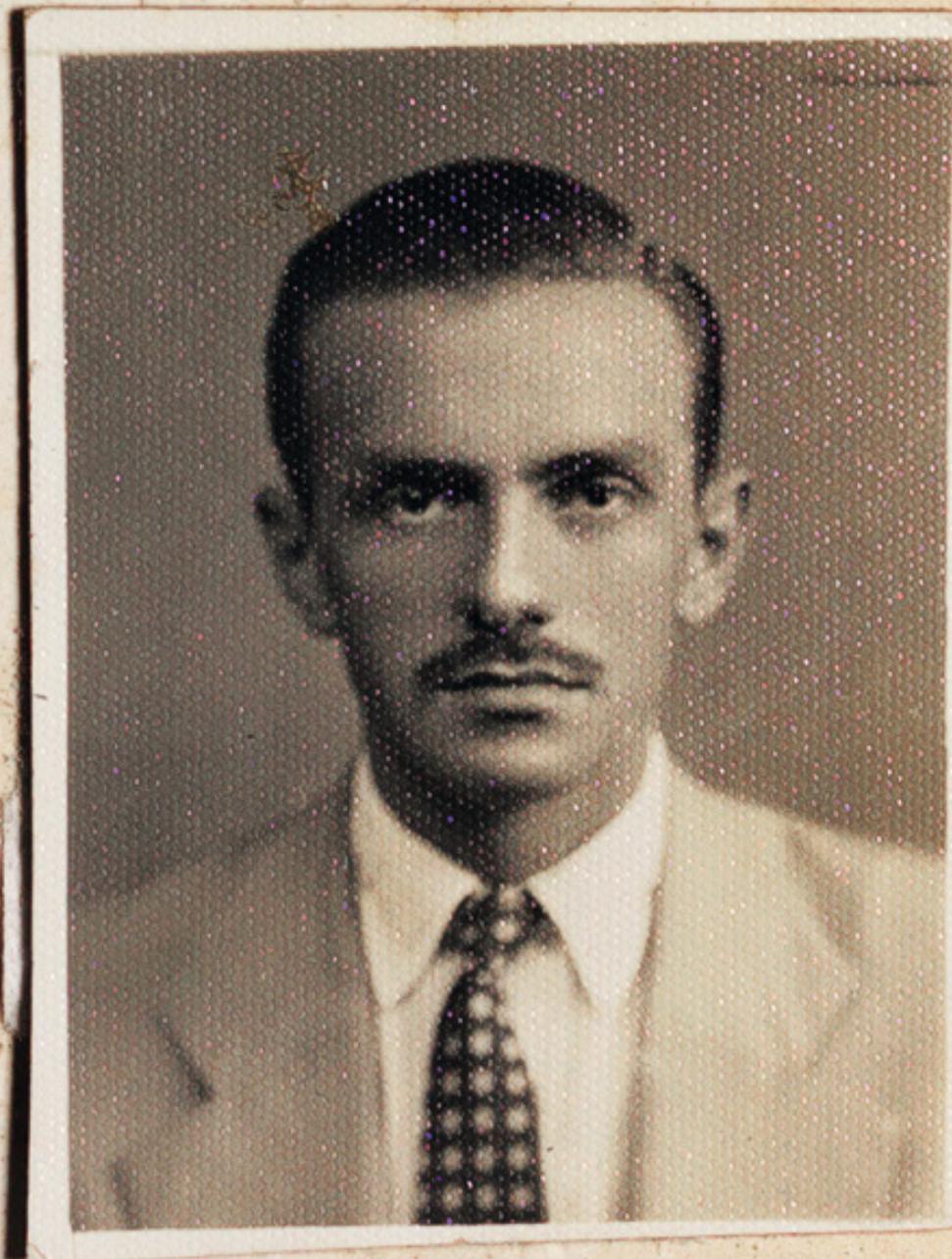


EDITORIAL

CONSULADO GERAL DO BRASIL

(Sello consular)



(Firma)

João Cabral de Melo neto

Domicílio: Muntaner, 444-3º

Desde a sua estreia, com *Pedra do sono*, João Cabral de Melo Neto estabeleceu uma intensa relação com outras linguagens artísticas, notadamente a pintura e a arquitetura. Esse dado talvez ajude a compreender a singularidade de sua produção poética na moderna literatura em língua portuguesa. Tal interesse pelas outras artes incluía ainda o gosto pelas artes gráficas, que se aprofundou em Barcelona, quando o poeta editou e imprimiu a série de volumes do selo O Livro Inconsútil. Também na Espanha, João Cabral manteve um apaixonado convívio com expressões artísticas populares como o flamenco e a tourada, das quais extraiu lições e paradigmas para a sua arte poética. O trânsito entre a poesia e outras linguagens está estreitamente ligado a traços distintivos e essenciais da obra cabralina, tais como a visualidade, o construtivismo, a obsessão geométrica, entre outros, ao mesmo tempo em que os colocam em tensão. É o que revelam os artigos reunidos neste vigésimo segundo número da revista *Teresa*, cuja publicação foi motivada pelo centenário de nascimento do poeta pernambucano, comemorado em 2020.

A poetização da paisagem, considerada, enquanto espaço e geografia humana, a partir da perspectiva aérea, é o tema do ensaio que abre o dossiê, “Paisagem: distância e compreensão em João Cabral de Melo Neto”, escrito por Marise Hansen. Analisando o poema “De um avião”, do livro *Quaderna* (1960), a autora mostra como a paisagem nordestina, tematizada desde os versos de *O cão sem plumas*, é transfigurada em “quadro cubista”, ao mesmo tempo em que o poeta realiza um “movimento de descida ao fundo”, reencontrando, por meio da memória, o real.

O diálogo com a pintura é especialmente marcante no livro *Museu de tudo*, abordado com diferentes perspectivas nos três ensaios seguintes. Em “O duplo ou a metade: João Cabral via Mondrian”, Renan Nuernberger discute a internalização, como procedimento estilístico, do

conhecimento sobre arte moderna acumulado pelo poeta. Em sua leitura do poema “No centenário de Mondrian”, o ensaísta observa, para além da apreensão do trabalho do artista homenageado, a revisão de pressupostos que até então sustentavam a poética cabralina, com o ideal da “resistência mineral” cedendo espaço à busca de uma “controlada explosão”. Por sua vez, Éverton Barbosa Correia, autor de “A luz em João Cabral: luz balão, luz redoma, luz Velázquez e luz Cardozo”, examina o retrato do poeta e amigo Joaquim Cardozo, que aparece refletido e iluminado pela pintura de Diego Velázquez. Já o ensaio de Rafaela Cardeal, intitulado “O museu portátil de João Cabral de Melo Neto”, identifica na coletânea publicada em 1975 — que, por sua aparência caótica, traiu as expectativas de muitos leitores, acostumados ao construtivismo do poeta — a criação de um inventário poético, realizada de modo calculado, a partir de um rigoroso “gesto curatorial”. *Museu de tudo* seria, assim, “espaço privilegiado e estratégico de visão, retrospectiva e prospectiva, da poesia cabralina”.

Na sequência, dois artigos tratam das relações de João Cabral com a edição e a construção do objeto-livro. Em “Uma obsessão pelo número 4: João Cabral, a política e o ofício de editor e impressor”, Valéria Lamego relaciona a ideia fixa do numeral 4 com o ato de imprimir e aponta uma continuidade entre a experiência do poeta como editor e tipógrafo e sua pesquisa formal em torno do dualismo e da “quaternidade”, radicalizada nos anos 1960 com a publicação dos volumes *Serial* e *A educação pela pedra*. No entender de Priscila Monteiro, que assina o ensaio seguinte, “Apagamentos críticos: João Cabral, uma fonte contaminada”, o autor de *Aniki bóbó*, livro de 1958 concebido em parceria com o artista Aloísio Magalhães, da oficina O Gráfico Amador, comportava-se “como um experimentador gráfico, não apenas como um poeta”. Por essa razão, segundo a ensaísta, a crítica deveria dar mais valor às edições artesanais do poeta, ainda que tenham sido excluídas de suas obras completas, e ao “nível compositivo autoral” manifestado nessa “dinâmica de livro”.

As artes populares do flamenco e da tourada são focalizadas em outro par de ensaios. Em “João Cabral e a tauromaquia ou o verso entre a vida e a morte”, Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra reflete sobre a aproximação entre a arte de tourear, esvaziada do seu caráter mítico e folclórico, e a arte poética cabralina, o “embate travado com a folha de papel em branco”. Por sua vez, em “Ninfa líquida: o corpo indomável em João Cabral de Melo Neto”, Maura Voltarelli Roque analisa “Estudos para uma bailadora andaluza”, poema de abertura de *Quaderna*, propondo uma

correspondência entre as variações do corpo que dança e “as variações de uma obra que se abre em sua tensão dialética fundamental”. Nas palavras da ensaísta, “o flamenco, mais especificamente o *cante jondo* com o seu teor emocional, cumpre o papel sintomático de corroer por dentro a obsessiva vontade de construção que está no centro da obra cabralina”.

“Poesia e emoção” é o título do artigo de Adalberto Müller, que se detém sobre a *machine à émouvoir* do poeta-engenheiro a fim de pensar a relação da “máquina” com a emoção e a dimensão ética da poesia. “A famosa rigidez do poema de João Cabral é apenas relativa”, conclui o autor. “Na leitura, a emoção é viva, a estrutura se desarma, e o poema voa no espaço-tempo”. Por fim, o último artigo, “Poesia, trabalho e guerra fria”, de Carlos Pires, aborda o retorno do poeta ao Brasil nos anos 1950, após a acusação de subversão política, e seu esforço de revisão do “esteticismo” que marcara seus primeiros livros — época em que o autor de *O cão sem plumas* buscou ressaltar o trabalho técnico e a desmistificação do ofício do poeta.

Na seção “Inéditos e raros”, a revista apresenta um poema inédito de João Cabral que chegou a integrar a primeira versão do livro *A escola das facas*, de 1980, a princípio intitulado *Poemas pernambucanos*. Traz ainda três cartas inéditas, endereçadas em 1966 a Rubem Braga, um dos fundadores da Editora do Autor, nas quais o poeta, qualificando-se como “escritor ex-tipógrafo”, encaminha comentários e instruções sobre a edição dos livros *A educação pela pedra* e *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. Na sequência, o leitor encontra duas amostras de uma produção desconhecida de João Cabral: os breves textos de crítica literária que ele escreveu em 1953, no Rio de Janeiro, para programas da Rádio Clube do Brasil. Os que a *Teresa* publica tratam da obra *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, cujo aparecimento foi celebrado pelo poeta como um “verdadeiro manifesto”. Encerrando o conjunto de documentos, apresentamos três artigos de sua autoria, publicados em diferentes épocas na imprensa, que contemplam os temas da pintura, das artes gráficas e da tauromaquia. Para essa seção, contribuíram os pesquisadores Marcelo Bortoloti, Rafael Ireno, Edneia Rodrigues Ribeiro e Ivan Marques.

Poemas de Alcides Villaça e Ricardo Aleixo ocupam as páginas da seção “Poesia”, reservadas a composições inéditas de importantes autores da poesia brasileira contemporânea. Por fim, na última seção, “Livros na mesa”, o leitor encontra resenhas escritas por Paulo Ferraz, Cristiano

Santiago Ramos e Marlon Augusto Barbosa, tratando, respectivamente, dos livros *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto*, organizado por Eucanaã Ferraz, *João Cabral de ponta a ponta*, de Antonio Carlos Secchin, e *Sena & Sophia: centenários*, organizado por Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira — este último reúne textos sobre as obras dos poetas portugueses Jorge de Sena e Sofia de Mello Breyner Andresen, que foi grande amiga de João Cabral.

Um excelente ponto de partida para a leitura dos textos que compõem este número da *Teresa* é o ensaio “Literatura e poesia”, de Sérgio Buarque de Holanda, que a revista estampa em suas páginas iniciais, na seção intitulada “Página aberta”. Trata-se do texto de uma conferência pronunciada em 1950, em São Paulo, na qual o crítico literário, embora sem citar diretamente João Cabral — o que é feito apenas uma vez, de passagem — defende ideias que eram caras à sua poética. O ensaísta critica a Geração de 45, os herdeiros do Romantismo e a extensa linhagem de poetas que se fascina com o mistério da poesia, “definida em contraste com toda atividade da inteligência”. A defesa do “trabalho” e da intrusão da crítica na elaboração do poema constitui exatamente o núcleo da poética cabralina.

Desejamos a todos uma leitura proveitosa e prazerosa.

Ivan Marques – Patrícia Lino – Joana Matos Frias – Augusto Massi